

# EMOÇÕES COMO MECANISMOS DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA

Angélica Ferreira da Fonsêca (UFRN)

angel\_f\_f@hotmail.com

Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)

gracassoares@gmail.com

## Introdução

O trabalho situa-se no âmbito da análise textual dos discursos e das teorias da enunciação, e propõe-se a discutir conceitos sobre emoção atrelando-os aos de responsabilidade enunciativa, de maneira mais estrita, ao modo como as emoções contribuem para a caracterização da assunção dos pontos de vista.

A ATD compreende o texto enquanto processo indissociado e formado pelo discurso e por suas relações de interação social, ação visada, formação sociodiscursiva e interdiscurso. O texto é uma atividade sociocognitiva constituída na cena pragmática da enunciação e descrita em “fatores de ordem linguística, cognitiva, sociocultural e interacional” (BENTES; LEITE, 2010, p. 229). Da mesma forma, a enunciação também um processo que constitui e é constituída pelo texto; é nela que os interlocutores, “sujeitos ativos”, agem em função de uma orientação argumentativa.

A linguagem com seus performativos e declarativos institui os atos de fala e, através do texto (r)estabelece os objetos do mundo, criando objetos do discurso. O jogo argumentativo da linguagem é materializado e se torna um ser, moldado pelos interlocutores. Não se trata mais de um entendimento, mas de uma heterogeneidade de sentidos, possibilitada pelos atos ilocucionários.

Citando Van Dijk (2007), os atores da cena enunciativa se engajam nos discursos a fim de agir e interagir socialmente. Neste sentido, o engajamento advém a partir do momento em que o ator/locutor escolhe determinadas expressões e referências em detrimento de outras. Já a assunção da responsabilidade é caracterizada pela tomada do ponto de vista pelo enunciador, entendendo, dessa forma, que um discurso é passível de diversas enunciações e o locutor pode concordar, ou não, com essas instâncias.

Sendo assim, este trabalho refere-se à análise do modo como as emoções colaboram com essas instâncias de enunciação. Portanto, nossos objetivos são identificar, descrever, analisar e interpretar as emoções apresentadas em um fragmento do discurso político de posse e verificar como elas contribuem para a assunção do PdV, através de uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista e adotando o método indutivo. O *corpus* se constitui de discurso de posse da presidenta Dilma Rousseff, apresentado ao Congresso Nacional no dia 01/01/2011.

## 1. Emoções no discurso político

O discurso é um fenômeno decorrente de uma prática social, de uma interação entre os agentes da cena enunciativa, entre suas crenças, culturas e ideologias. Ele advém de uma ação e é capaz de gerar outra ação nos participantes da enunciação. É locucionário, ilocucionário e perlocucionário, como aprendemos com os atos de fala proposto por Austin e Searle.

“O discurso não deve ser estudado somente como forma, significado e processos mentais, mas também como estruturas complexas e hierarquias de interação e prática social e suas funções no contexto, sociedade e cultura” (VAN DIJK, 2007, p. 6.

Tradução nossa.)<sup>1</sup>. Ele perpassa a análise das estruturas composicionais, é uma forma de engajamento no mundo. O discurso deve ser entendido como um processo complexo, que serve a sociedade a fim de solucionar algum problema específico e no qual os atores participam diferentemente como membros de categorias sociais, grupos, profissionais, organizações, comunidades.

As emoções podem ser estudadas sob três perspectivas: a da psicologia, da sociologia e da análise do discurso. Para a psicologia, as emoções são provocadas fisiologicamente e mensuradas quimicamente. São resultado das reações sensoriais e comportamentais dos indivíduos frente às percepções de mundo. O medo, por exemplo, é tratado como uma característica temperamental e comportamental. A sociologia, por outro lado, entende as emoções como decorrentes de normas sociais, contratos estipulados, algumas vezes, por uma consciência coletiva. A ela está interligado o componente da racionalidade e sua natureza é interpretativista e interativa.

A noção de emoção para a análise do discurso tem intercessão com os conceitos da psicologia e sociologia, uma vez que as emoções são frutos de um sujeito em sua situação de comunicação e contextos sócio, históricos e cognitivos. As emoções são codificadas pelo discurso e cabe ao analista realizar o processo reverso, para tal ele precisa dar conta dos constituintes desse fenômeno.

Assim como o discurso, as emoções são de ordem intencional e estão relacionadas a crenças e problemáticas da representação psicossocial. Elas são resultado de “acordo social”, ou seja, são provocadas por fatores exógenos, que se internalizam em endógenos. A emoção é um sentimento pessoal. Não se pode sentir emoção pelo outro, mas sim pelo momento em que o outro vive através do movimento de identificação.

Ao contrário da psicologia e sociologia, a análise do discurso não se detém a estudar as motivações das emoções, mas ela focaliza o caráter social e de interação, estudando os processos discursivos, pelos quais a emoção é estabelecida. A ação visada, sem garantia sobre o efeito produzido.

A filosofia ocidental distingue emoções de sensações, as quais seriam decorrentes de instintos físicos, tais como sede e fome. Enquanto emoções diriam respeito ao amor, medo, cólera, ciúmes e desejos, por exemplo. “A sensação – como estado qualitativo – não é um critério de discriminação suficientemente fino para dar conta da diversidade das emoções” (CHARAUDEAU, 2010, p.6). A emoção está relacionada com a racionalidade, pois elas contêm uma orientação sobre um objeto. Segundo Raphaël Micheli (2010) a construção argumentativa de uma emoção dar-se através da atribuição, da legitimação e da avaliação da mesma. Os locutores fazem uso do processo de tematização e legitimação para exprimir emoções, ao mesmo tempo em que se posicionam sob determinado saber. Esclarecendo, Charaudeau (2010, p.29) diz:

As emoções deveriam ser tratadas sob o olhar de julgamentos que se apoiariam nas crenças que um grupo social partilha e cujo respeito ou não leva a uma sansão moral (elogio ou repreensão). A esse respeito, as emoções são efetivamente um tipo de estado mental racional.

Neste sentido, a avaliação e argumentação/racionalidade constituem elementos fundamentais para definição de emoção, que não diz respeito somente a desejos, mas processos de identificação e representação social. Sendo assim, é possível avaliar as

---

<sup>1</sup> “Discourse should be studied not only as form, meaning and mental process, but also as complex structures and hierarchies of interaction and social practice and their functions in context, society and culture”(VAN DIJK, 2007, p. 6).

emoções sob diferentes instâncias sociais, os atores da enunciação, o objeto intencional, a situação na qual os locutores interagem e as tendências da ação.

As emoções não são expressas somente por substantivos e adjetivos como medo e alegria, elas podem ser atribuídas a diversos lugares psicológicos por diferentes termos, por exemplo, por cores, “Luana está verde!”; por verbos de emoção, em “Luís se consumia”, pode-se determinar alguns sentimentos a partir desse verbo, sejam eles, curiosidade, paixão, raiva etc. Também, atribui-se emoção ao questionamento, “Como meus filhos reagirão a isso? Como olharei para meus familiares?”. Além disso, é interessante observar que se Paula diz “Carla chegou”, as emoções conferidas a Paula são as mesmas que o enunciador sente. Este é a regra da sinceridade estipulado por Plantin (2010).

Segundo Charaudeau (2010, p. 36), as emoções podem ser classificadas de acordo com o grau de generalidade, grau de racionalidade ou reacionais. A generalidade distingue as emoções que têm um caráter mais universal das que são relacionadas a contextos sociais (cólera/pudor). Quando o autor fala da racionalidade estabelece grupos de emoções, as afetivas (tristeza, alegria), informativas (aborrecimento/interesse) e as apreciativas (ódio, cólera). Já as de grau reacional dizem respeito ao efeito acional de determinada emoção, por exemplo, a indignação pode gerar mobilização dos afetados.

No tocante ao discurso político, tem-se a o espaço privado incorporando-se ao público. Uma vez que “os discursos que não são construídos pelas respostas, visam legitimar uma emoção” (CHARAUDEAU, 2010, p.6), o político utiliza o discurso como ferramenta para compartilhar suas propostas e, muitas vezes, para comover o interlocutor e dar-lhe a ilusão de que compartilha suas dores e intimidade. Os candidatos constroem representações de si como pessoas engajadas com as necessidades da sociedade e, principalmente, dos mais sofridos. Neste sentido, tem-se a questão da autenticidade, na qual o político pondera se o uso de determinada palavra corresponde, ou não, ao sentimento que ele deseja expressar. Pode-se falar também em causalidade para mensurar se o efeito no interlocutor é o esperado.

Do ponto de vista do interlocutor, tem-se o processo que Charaudeau (2010, p. 45) denomina de referenciação: “preciso saber que o sofrimento é realmente vivido por meu outro-eu-mesmo para que eu possa me ver emocionalmente concernido”. O interlocutor precisa se identificar com as emoções do candidato.

Mesmo no nível de discurso posse, relações como essas precisam ser instauradas. O recém-eleito precisa cativar e confirmar o compromisso com a população, a qual ele se direcionou durante a campanha. É fundamental que seu eleitorado o apoie para que ele preserve a face positiva e, conseqüentemente, a autoridade, bem como detenha a força ideológica.

O poder social como relações específicas entre grupos e instituições, pode ser do tipo coercivo ou mental. Neste caso de discurso político, geralmente, tem-se um grupo que se apropria de uma ideologia para, através da linguagem, persuadir determinada massa popular. Dessa maneira, o poder não é imposto, mas compartilhado e admitido de tal forma, que se legitima um modo de pensar, muitas vezes, tornando-o até legal. Confirmado pelo o que Van Dijk (2007, p. 26) diz “ideologias servem para ‘definir’ grupos e suas posições em complexas estruturas sociais e em sua relação com outros grupos”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “Ideologies serve to 'define' groups and their position within complex societal structures and in relation to other groups” (VAN DIJK, 2007, p. 26).

O discurso, as emoções, as relações poder, as ideologias, tudo é articulado pela linguagem e intermediado pelos contextos sócio-históricos, seus atores e intenções. Assim, até mesmo nos discurso de gênero masculino e feminino, as construções de poder social são institucionalizadas. Van Dijk (2007, p. 124) define “homens, em geral, são mais frequentemente descritos em termos de sua ocupação, enquanto que mulheres são tipicamente descritas em relação as suas responsabilidades familiares e conjugais”<sup>3</sup>. Abrangendo mais essa concepção, as mulheres tendem, em seu discurso, a serem mais ternas e empregar mais intensificadores que os homens.

## 2. As emoções e a assunção da responsabilidade enunciativa

Este trabalho propõe-se a unir as concepções de emoções e discurso político, próprias da AD, promovendo uma análise sob os conceitos da ATD, mas precisamente, estabelecendo relação com a noção de responsabilidade enunciativa (RE).

“A responsabilidade (...) é diretamente atribuída pela gestão da multiplicidade das fontes enunciativas” (RABATEL; CHAUVIN-VILENO, 2006, p. 19. Tradução nossa)<sup>4</sup>, mas não abrange somente esse aspecto. Trata-se de uma noção complexa, que envolve conceitos de enunciação, enunciado, locutor, pontos de vista, engajamento, dentre outros. Responsabilizar-se é tomar para si e assumir as propriedades de algo, compreendendo-as como verdade. Assim como a emoção, a RE é um fenômeno que resulta do princípio de sinceridade, pois é necessário que o enunciador se engaje no discurso, assumindo um determinado ponto de vista e contrapondo-o aos demais.

“Todo enunciado pressupõe uma iminência que se responsabiliza pelo que é aspirado” (RABATEL, 2009, p.72. Tradução nossa)<sup>5</sup>. Neste sentido, todo enunciado é assumido, cabe ao analista identificar qual a fonte enunciativa, se é o locutor primeiro/ enunciador primeiro, locutor segundo/ enunciador segundo etc.

Adam (2008, p. 117-118) define como categorias de análise para delimitar uma RE, uma fonte de PdV, ou seja, um enunciador:

- ⇒ Os índices de pessoas;
- ⇒ Os dêiticos espaciais e temporais;
- ⇒ Os tempos verbais;
- ⇒ As modalidades objetivas (dever, ser preciso...), intersubjetivas (imperativo, pergunta, dever, poder...), subjetivas (querer, pensar, esperar), verbos de opinião (crer, saber, ignorar, declarar que...), advérbios de opinião (talvez, sem dúvida, provavelmente...), lexemas afetivos, avaliativos e axiológicos (pequeno, gentil...);
- ⇒ Os diferentes tipos de representação da fala (discurso direto, discurso indireto, discurso narrativizado etc.);
- ⇒ As indicações de quadros mediadores (segundo, de acordo com, para etc.);
- ⇒ Os fenômenos de modalização autonímica (isto é, ou seja etc.);
- ⇒ As indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados (focalização perceptiva – sentir, ver, tocar, experimentar – ou focalização cognitiva – saber ou pensamento representado).

---

<sup>3</sup> “Men in general are more often described in terms id their occupational roles, while women are typically described in relation to their marital and family responsibilities” (VAN DIJK, 2007, p. 124).

<sup>4</sup> “La responsabilité (...) est directement engagée par La gestion de La multiplicité dès sources énonciatives.” RABATEL; CHAUVIN-VILENO, 2006, p. 19).

<sup>5</sup> “Tout énoncé présuppose une instance qui prend em charge CE qui est appelé” (RABATEL, 2009, P. 72).

Por seu componente racional, porém subjetivo, carregado por crenças e interação, as emoções podem ser acrescidas a essas categorias, como uma das marcas responsáveis pela assunção dos pontos de vista. E para identificar as emoções? Retomaremos os conceitos de Charaudeau (2010) para essa discussão.

Não existe um ser humano inerte à problemática social, ou ele está descontente ou contente com algo. Fome e sede são necessidades vitais. As emoções não, apesar de elas estarem intrínsecas à realidade. Elas relacionam-se com as sensações, de tal forma que, às vezes, confundem-se. O que diferencia, então, a fome da tristeza, por exemplo?

A racionalidade é um dos fatores. O sujeito tem controle psíquico sobre suas emoções, ao contrário da fome, que somente será saciada após a ingestão de algum alimento.

As emoções estão inseridas em um contexto de representações sociodiscursivas e de crenças que, muitas vezes, são impostas por consciências compartilhadas. Algumas sociedades instituem sentimentos de repúdio para pessoas que comem carne de cachorro, por exemplo.

Outro fator é a intencionalidade. Toda emoção gera uma ação. Assim, se estou triste, procuro ficar quieto; se estou revoltado, procuro expressar minha indignação.

Neste sentido, as categorias de análise para o estudo das emoções serão a racionalidade, as crenças e a intencionalidade. Feitas essas distinções do que seriam as emoções em nossos dados, discutiremos como elas contribuem para a assunção da RE.

### **3. Análises e discussão**

Como já dissemos, todo agir é norteado por emoções, mesmo que não sejam explícitas. No discurso de posse da presidenta Dilma Rousseff ocorre o mesmo processo. Há sentimentos explícitos, como em “sinto uma imensa honra” (l. 4), mas há proposições que indicam determinada emoção, por exemplo, “abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia” (l. 7-8).

As emoções encontradas nas análises atendem ao critério da racionalidade, opondo-se aos instintos físicos; possuem crenças semelhantes e diferentes intencionalidades. No que diz respeito às crenças, as emoções estão aqui situadas em uma formação sociodiscursiva de pós-eleição e, oficialmente, de posse da primeira mulher como presidenta de um país, no qual as mulheres são uma das parcelas discriminadas da sociedade. Bem como, de uma eleição que simboliza a continuidade de um bom governo, que apresentou resultados favoráveis para economia e sociedade. Sobre as intencionalidades, as emoções têm orientações voltadas para agradecer o resultado do processo eleitoral; para compartilhar, tornar recíproco e se comprometer com a solução dos problemas sociais, da classe e do partido que a presidenta representa; bem como para dar credibilidade e prometer avanços no contexto social e econômico do país.

O texto começa com “queridas brasileiras e queridos brasileiros” (l. 1), a partir então é expresso o sentimento de alegria e satisfação por estar em tão privilegiada situação. Após isso, termos emoções como honra, sensibilização, disponibilidade, tomada de consciência como nos fragmentos a seguir:

Ex.1: “Sinto imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão” (l. 4);

Ex.2: “E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país” (l. 9-10);

Ex.3: “Meu compromisso supremo é de honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos” (l. 14).

Sentimentos de confiança e progresso também são encontrados no discurso político de posse, como mostra os exemplos 4, 5, 6 e 7.

Ex.4: “Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades” (l. 23-24);

Ex.5: “Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade” (l. 30-31);

Ex.6: “Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar novas soluções” (l. 38-39);

Ex.7: “Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com ajuda do governo e de toda sociedade, mudar de patamar. § Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo – um país de classe média sólida e empreendedora” (l. 40-44).

É interessante observar o modo como o enunciador faz uso de outros objetos do discurso para demonstrar orgulho do partido ao qual está vinculado e, assim sustentar seu ponto de vista e dar credibilidade à população. Ele recorre ao antigo presidente e vice, Lula e Alencar, bem como à conjuntura econômica e social, como vemos:

Ex.8: “A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixou para todos nós” (l. 20-21);

Ex.9: “Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido vice José Alencar” (l. 25-26);

Ex.10: “Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do FMI, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa” (l. 33-35).

### **Considerações finais**

O ser humano constrói sua natureza na sobreposição e dicotomia das emoções. Portanto, todo agir é motivado por um sentimento e para identificar este sentimento é

necessário compreender as crenças e as intencionalidades que o norteia, considerando o sujeito como fruto da interação e das formações sócio – históricas – discursivas - econômicas - culturais. Um sujeito completo e complexo.

No tocante a assunção da RE, assim como os lexemas avaliativos, axiológicos, os dêiticos, os verbos de opinião e índices de pessoas são exemplos de categorias que determinam a tomada de posição de um ser. Esses mesmos elementos caracterizam as emoções e, estas, como resultado de processo pessoal de identificação, revelam julgamentos sobre PDV's e enunciadores. As emoções, como vimos nas análises, não podem, na maioria das vezes, ser determinadas por uma só palavra, mas implicadas por um conjunto de comportamentos e ações; da mesma forma, a responsabilidade enunciativa advém de categorias interligadas e de cenas enunciativas. Por exemplo, em “Luana intensificou bastante seus estudos”, o advérbio “bastante” não caracteriza a assunção da RE, uma vez que o enunciador não assume um posicionamento em relação a Luana. Diferentemente, em “Luana intensificou bastante seus estudos e obteve êxito nas avaliações. Ela é um exemplo a ser seguido por todos nós”, percebe-se o julgamento do enunciador primeiro e seu ponto de vista sobre os estudos e, portanto, a assunção da RE.

As emoções e a assunção da RE são distintas por uma linha tênue, pois quando o sujeito envolve-se emotivamente, ele necessariamente se compromete. No exemplo acima, temos sentimento quando o enunciador sente-se motivado pelo resultado de Luana.

Da mesma forma, em nossas análises identificamos as emoções presentes e concluímos que o enunciador assume a responsabilidade do seu discurso, por causa das emoções, da intencionalidade e dos julgamentos, percebidos também pelas categorias da RE, como o verbo em primeira pessoa, o adjetivo, e o dêitico temporal presentes em “venho, antes de tudo dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu” (l. 15).

Neste sentido, o estudo das emoções funciona como categorias complementares para a RE e desperta questionamentos para a teoria da enunciação e sua intercessão com as teorias sobre as emoções.

### **Referências bibliográficas**

ADAM, Jean-Michel. *A lingüística textual - Introdução à análise textual dos discursos*. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.

CAVALCANTE, M. M.; PINHEIRO, C. L.; PEREIRA LINS, M. P.; LIMA, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e dimensional. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs.) *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.) *As emoções no discurso*. Vol II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 23-56.

MICHELI, Raphaël. La construction argumentative des émotions : un modèle d'analyse. In: *L'émotion argumentée. L'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris : Les éditions du CERF, 2010.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso* . Vol II. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 57-80.

RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... In : COLTIER; DENDALE; DE BRABANTER. *Langue française*. La notion de « prise en charge » en linguistique. N° 162. Junho de 2009, p. 71-87.

RABATEL, Alain; CHAUVIN-VILENO, Andrée. *La question de la responsabilité dans l'écriture de presse*. França, 2006. Disponível em : <<http://semen.revues.org/2792?lang=en>> Acesso em: 01 de agosto de 2012.

VAN DIJK, Teun A. *Discourse as social interaction. Discourse studies: a multiplidisciplinary introduction*. London : SAGE Publications Inc, 2007.